



Caderno 2

A volta do Velho Guerreiro

Stepan Nercessian vai interpretar Chacrinha em musical

Pág. C3

Jotabê Medeiros

Morreu ontem, às 6 horas da manhã, em sua casa no Rio, o arquiteto e designer Sergio Rodrigues, aos 86 anos, de complicações causadas por um câncer na próstata. Seu corpo será cremado amanhã no Cemitério Memorial do Carmo, também no Rio de Janeiro.

“Partiu com muito humor, brincadeiras e leveza, como era seu temperamento”, disse Renata Aragão, diretora do Instituto Sergio Rodrigues, que cuida da obra do artista. “Ele sempre foi muito bem-humorado em todas as situações, e permaneceu criando até o último momento.”

Os arrojados (cheios de humor, presença de espírito e picardia) móveis que Sergio Rodrigues desenhou em uma longa carreira de mais de 60 anos podem ser encontrados do Itamaraty à casa de Kim Novak, em Hollywood. Também arteção, desenhista, gourmet e comerciante de móveis (foi dono da lendária e inovadora Oca, em Ipanema, e hoje possui duas lojas em Tribeca, em Nova York), Sergio ganhou celebridade com a famosa Poltrona Mole, em 1957, que se tornou um símbolo

Um dos maiores nomes do design nacional, Sergio Rodrigues deixa um legado que ilumina o futuro



“

Sergio foi generoso na contribuição para o design e arquitetura, ao receber e agregar amigos e nos presentear com suas histórias e alma de cronista”

Ivan Rezende

ARQUITETO

O homem que me fez amar a arte. Com sua inteligência, seu humor, seu bom gosto e sua veia artística, conquistou o meu coração e o da minha família”

Peter Azen

CINEASTA

Rodrigues (na poltrona Aspas “Chifruda”, de 1962). A casa não deixa de ser outra vestimenta do homem

artística conquistou o meu coração e o da minha família. Uma das pessoas mais importantes na minha vida. Vai trazer muita alegria com suas histórias onde quer que esteja”, disse.

O arquiteto Ivan Rezende, autor de livro sobre o artista, também estava abalado. “Sergio foi generoso na sua contribuição

para o design e para a arquitetura, foi generoso ao receber e agregar amigos quando teve seu restaurante, foi generoso no dia a dia a nos presentear com suas histórias e alma de cronista. Perco um amigo querido, queria aproveitar mais estar com ele, mas tenho a certeza que todo o nosso tempo que tivemos juntos foi de sinceridade, alegria e encantamento”, afirmou.

Sergio não se preocupava de

masiado com as fronteiras entre as disciplinas quando criava sua obra. “Fiz quase 200 casas, desde casinha de cachorro até mansões de quatro pavimentos, totalmente de madeira. Mas trabalho muito com arquitetura de interiores. Você sabe, até agora não há uma compreensão total do que seja a arquitetura

de interiores. Falam em estilo, mas não há estilo. O homem, quando encomenda um trabalho desses, quer que o profissio-

nal resolva o problema. E, em geral, os ditos profissionais querem impor determinado elemento que eles, pessoalmente, curtem. Muita gente aceita isso por causa do nome do arquiteto, da sua fama. Mas eu, quando faço um interior, dou mais importância ao ambiente até do

que à fachada da casa. Valorizo o espaço, o conforto, a característica do dono da casa”, afirmou o arquiteto, em entrevista.

“Fui praticamente criado em uma casa no Flamengo, em que meu tio-bisavô, que descendia de escoceses, tinha uma merce-nariazinha. Ele contratou dois marceneiros portugueses de alto nível para produzir uns modelos que desenhava. Eu ficava do lado, aproveitando cavacos de madeira, fazendo casinholas, carrinhos. Eu passei a desenhar antes mesmo de executar. Via como meu tio fazia: ele entregava uns rabiscos aos marceneiros e eles executavam obras-primas. É praticamente isso o que é a arquitetura e também o design. Era um casarão de gosto duvidoso na Praia do Flamengo que chamavam de castelinho, porque imitava alguma coisa do início do século 19.”

“A casa não deixa de ser um outro tipo de vestimenta do homem. Acho os trabalhos populares uma coisa maravilhosa. É arte fazer uma casa que tenha uma função social”, ponderava. Sua obra, por despir-se da solenidade (e da seriedade) típica dos movimentos artístico, parece ainda um farol a iluminar o futuro.

Adeus do designer

tão expressivo daquela época da bossa nova quanto toda a ilusão globalizante do período.

Nascido em 1927, Sergio era neto do jornalista Mário Rodrigues, sobrinho do dramaturgo Nelson Rodrigues e do jornalista Mario Rodrigues Filho (que batizou o Maracanã) e filho do artista plástico e ilustrador Roberto Rodrigues (o pai foi assassinado na redação do jornal *A Crítica* com um tiro que era destinado ao pai Roberto, avô de Sergio).

Rodrigues trabalhou com Oscar Niemeyer e com Darcy Ribeiro, fez casas para Regina Ca-

sé, Arthur Fontes. Ainda assim, como disse Mari Stockler, curadora do Instituto Sergio Rodrigues, seu trabalho é bem mais reconhecido no exterior do que no Brasil. Possui obras nos acervos do Museum of Modern Art (MoMA) de Nova York e museus de Estocolmo, Munique e outras capitais europeias.

A obra que abriu as portas do mercado norte-americano para o artista foi a Poltrona Mole, a “cadeira bossa nova” (e que ficou conhecida como Sheriff Chair, cadeira do xerife, nos Estados Unidos). No início houve

incompreensão, ele contou. Perguntavam se não era uma “cama de cachorro”. Ganhadora do prêmio italiano Selettiva Cantú, espalhou arredondamento, despojamento e humor na tradição modernista dos finais do anos 1950.

O cineasta Peter Azen, que dirigiu filme (ainda inédito) sobre o designer, disse ontem, de Nova York, onde vive: “Hoje, está sendo um dia difícil. O Sergio é um dos meus heróis. O homem que me fez amar a arte. Com sua inteligência, seu humor, seu bom gosto e sua veia

Artista preparava-se para receber série de homenagens

Em dezembro, uma biografia inédita de Sergio Rodrigues, escrita por Regina Zappa, estará disponível gratuitamente no site do Instituto Sergio Rodrigues. O lançamento é um dos vários previstos para comemorar os 60 anos do banquinho Mocho, o primeiro trabalho de Sergio — uma banqueta inspirada num banco de uma perna só

de ordenhar vacas que ele vira ainda garoto no interior.

O site é parte de um trabalho de organização de todo o acervo documental e iconográfico de Sergio Rodrigues, que foi patrocinado pelo Itaú Cultural e acaba de ser concluído. Foram levantados 30 mil itens, dos quais mais de mil estarão disponíveis para acesso no site.

Plantas, croquis, desenhos, fotos e documentos da vida pessoal e profissional do arquiteto poderão ser consultados. O projeto teve financiamento da Lei Rouanet.

Já o derradeiro trabalho de Sergio Rodrigues, a Poltrona Benjamin (nome do seu neto mais novo), será produzida pelo ateliê de Fernando Mendes,



A última obra. Foto da poltrona Benjamin, criada em homenagem ao neto mais novo

primeiro do artista, ainda este ano. Mendes trabalhou 10 anos com o arquiteto e é o licenciado oficial para produzir o item. Foi fuçando em seu acervo que ambos encontraram uma cadeira desenhada no passado por Rodrigues que ele julgava perdida. O arquiteto a batizou como Cadeira Fernando.

O documentário de Peter Azen sobre o artista está quase finalizado. E o livro de Ivan Rezende sobre o designer também está em processo de acabamento, podendo sair em breve. /J.M.

MODELOS CLÁSSICOS



O banco Mocho. Primeira peça, criada há 60 anos e sob inspiração do banquinho de ordenhar vacas

FOTOS DIVULGAÇÃO



Poltrona Mole. Mais famoso trabalho, objeto de desejo de famosos em Hollywood e no acervo do MoMA de NY

TASSO MARCELO/ESTADÃO - 26/3/2010



Cadeira Katita. De peroba e com estofado, é um projeto dos anos 1990 que ilustra a síntese do artista